

A CONTRACULTURA E A VESTIMENTA HIPPIE - EUA e INGLATERRA

Profa.Dra.Sueli Garcia

sueli.garcia@belasartes

Resumo

As manifestações estéticas dos anos 1960, particularmente o movimento da contracultura nos Estados Unidos e na Inglaterra, tornou-se o foco deste artigo na busca de elementos que possibilitem o entendimento do vestir no movimento "hippie", sua utopia e os ideais da manifestação juvenil da época, que buscaram se afirmar por diversas rupturas. Novos costumes e comportamentos foram inspirados e embasados em culturas distantes da americana e da inglesa que se encontram na contracultura por motivos distintos, mas se entrelaçam na antimoda tendo o Oriente como referência. O recorte se dá no final da década de 1960, período marcado por uma intensa agitação cultural que terá repercussão no Ocidente e como uma das consequências que mudou a história do vestir.

Palavras-Chave: Contracultura Ocidental. Orientalismo. Moda. Movimento hippie.

Abstract

The aesthetic manifestations of the 1960s, particularly the counterculture movement in the United States and in England, became the focus of this article in the search for elements that allow the understanding of dressing in the hippie movement, its utopia and the ideals of the youthful manifestation of time, who sought to assert themselves by various ruptures. New customs and behaviors were inspired and based on cultures far from the American and the English that is in the counterculture for different reasons but intertwines in the anti-fashion having the Orient as a reference. The cutback occurs in the late 1960's period marked by an intense cultural upheaval that will have repercussions in the West and as one of the consequences that changed the history of dress.

Keywords: Western counterculture. Orientalism. Fashion. Hippie movement.

CONTRACULTURA NOS EUA E NA INGLATERRA

A revolução do vestir ocorrida entre os anos 1960 e início dos 1970 foi significativa para uma série de mudanças na aparência do indivíduo ocidental. O compartilhamento da moda com a música esteve no centro destas mudanças que já ocorriam desde 1950 com os Beatniks, nos EUA.

Submetido em Maio 2017, Aprovado em Julho 2017, Publicado em Out 2017

Os Beatniks proclamaram uma ruptura por meio de suas obras e comportamento, ao negar os valores aceitos pela sociedade com atitudes não conformistas, experimentando o nomadismo, vivendo em comunidades e dando vazão a criatividade espontânea. Suas manifestações embasaram os hippies dos anos 1960 e seus princípios se estenderam dos Estados Unidos à Holanda. A contracultura manifestada pela juventude desse período tornou-se um fenômeno de massa que repercutiu em todas as esferas da existência cotidiana "das relações entre os sexos à concepção de trabalho e o tempo livre" e culminou no vestir cotidiano (CALANCA, 2008, p.192). Os principais veículos dessa situação foram o rock inglês e americano, uma vez que a imagem dos ídolos de rock, assim como seus sons e versos, acabou por representar em si uma mensagem de ruptura que impulsionou e revelou uma nova visão do presente. Para Paul Yonnet:

(...) tudo aconteceu como se estivesse indo para o oposto, por absorção, imersão, transmutação e ressurgimento. De cima para baixo, os mecanismos, as economias, as profissões, ressurgiram com códigos modificados (YONNET apud MONNEYRON, 2006, p.42 - trad.autora).

O comportamento informal e as vezes contraditório na proposta de uma aparência uniforme ocorreu principalmente entre os grupos de senso comum e subculturas, mas ainda assim definiu o "estar na sua", como um jeito de ser que se recusa a sofrer restrições do meio social, cultural ou político. Neste momento entra em questão a imagem da família e do sonho americano, propagados e controlados pela política e propagandeados pelo cinema até então. O cinema de gangsteres e o rock gradativamente foram mostrando as faces escondidas da sociedade americana, e a juventude foi reclamando manifestações mais compatíveis as suas expectativas, negando o estabelecido conforme a regra estética e moral.

Para os jovens, as experiências perceptivas faziam parte do novo e o uso de drogas não era apenas o uso químico por diversão, fuga das angústias ou esquecimento dos problemas, mas sim, uma manifestação da eterna adesão da contracultura às novas ideias, tecnologias, experiências, misticismos e formas de viver. Para Ken Goffman e Dan Joy: "... a contracultura não pode ser construída ou produzida: precisa ser vivida. Se a contracultura valoriza ampliar as fronteiras da arte, ela valoriza muito mais levar a vida como uma experiência artística em progresso" (GOFFMAN E JOY, 2007, p. 17).

A experiência entre o êxtase das drogas e o misticismo teve grande significado na definição do psicodélico, termo cunhado em 1957 pelo psiquiatra H.Osmond¹, em uma troca de poemas com Aldoux Huxley, que em 1954 havia escrito “As portas da percepção. Céu e Inferno”, no qual descreveu suas experiências com as drogas de forma poética acentuando um novo brilho a alma e seu entorno, mas também o avesso da viagem (HUXLEY, 2002). É neste brilho que o consumo de LSD e outras drogas psicoativas tornaram-se populares entre muitos jovens, como caminho para o autoconhecimento. O professor da UCLA - University of California, Los Angeles - Timothy Leary foi quem "integrou a visão psicodélica num contexto religioso", para ele o êxtase da droga seria o "rito sagrado para uma nova era", do homem místico e sagrado (LEARY apud GOFFMAN e JOY, 2007, p.20).

Interessados pelas filosofias orientais, os *hippies* voltam-se para a contemplação e para a procura de experiências místicas, transcendentais, opostas a tudo o que o ocidente representa. Esta confrontação vai verificar-se nos seus gestos: volta-se à Arcádia pastoral, para o homem arcaico e para as comunidades agrícolas, tendo apenas a sabedoria para sobreviver na rua e na cidade; e uma filosofia ativa, possuindo meramente o essencial, opondo-se ao consumo da civilização moderna (GOFFMAN e JOY, 207, p.19).

Sociedade capitalista	Subcultura / Vanguarda
Lei e ordem	Subversão
Conformismo	Emancipação
Autoritarismo	Antiautoritarismo
Passividade estática	Criatividade dinâmica
Identidades fixas	Diversidade e autocriação

Quadro comparativo – cultura vigente dos anos 1950 e da contracultura promovida pelo movimento hippie (SCHMIDT, 1979, p.04 – trad.autora).

O ponto de encontro entre os EUA, a Inglaterra e o Oriente ocorreram no Festival de Música Pop Internacional de Monterey, entre 16 e 18 de junho de 1967, na *Monterey County Fairgrounds* em Monterey na Califórnia e teve um público por volta de 200 mil pessoas. Este espetáculo foi considerado o evento que deu início ao “verão do amor”² que alcançou seu auge com o Festival de Woodstock em 1969.

¹ Psicodélico é a denominação criada pelo psiquiatra canadense Humphry Osmond, em 1953 (LABATE e GOULART, 2005).

² Definição a partir da obra de Luiz Carlos Maciel, “As quatro estações” (2001).

Durante o festival ocorreu a apresentação do indiano Ravi Shankar, convidado de George Harrison, que nunca havia estado no Ocidente. Shankar improvisou com sua cítara durante dez minutos ininterruptos um som crescente e extasiante e voltou a repetir suas longas peças musicais em Woodstock no ano de 1969. Gradativamente os americanos vão assimilando e encontrando na música oriental seus sons que misturados aos efeitos das drogas levam a transcendência.

A parceria entre George Harrison e o indiano Ravi Shankar resultou em peregrinações à Índia para pesquisas que reverteram nos primeiros acordes que misturaram o rock e o misticismo. O resultado desse encontro deu origem a um dos grandes sucessos de Harrison, "*My Sweet Lord*" de 1970.

Paralelo aos acontecimentos nos EUA, em agosto de 1967 na Inglaterra, os Beatles se encontraram com o grande guru indiano, Maharishi Mahesh Yogi em Londres e tomaram conhecimento dos mantras³. Em 1968 essa relação daria continuidade aos Beatles, numa viagem a Rishikesh, em Uttar Pradesh, norte da Índia para estudar meditação transcendental no *Ashram* de Mahesh Yogi. Essa experiência afetou completamente algumas canções dos Beatles com referências à espiritualidade indiana nos álbuns: *White Album* e *Abbey Road*.

O orientalismo na Inglaterra ocorria desde o século XVII quando a Índia passou a ser colônia britânica até 1947. A contracultura no país ocorreu a partir de manifestações e adoções de costumes, roupas, comidas e atitudes inspiradas na espiritualidade, religião, pacifismo, naturalismo e ambientalismo indianos. É imprescindível salientar que os Beatles endossaram a contracultura inglesa sob inspiração indiana.

Um primeiro contato dos Beatles com a cultura indiana ocorreu em 1965, durante as filmagens de "*Help*" que teve como eixo principal, um culto à deusa hindu Kali. A narrativa continha sacrifício, e para o ritual era necessário um anel sagrado que se encontrava com o personagem de Ringo Star e seus amigos, que passaram a ser perseguidos por vários indianos que queriam o anel. Foi uma das primeiras abordagens orientais na obra dos Beatles, mas enfatizando a opinião negativa que os ingleses tinham

³ Mantras - originados no hinduísmo são sílabas ou orações evocadas pelo som com objetivo a introspecção, que por reverberação chegue ao espírito numa experiência transcendental – o nirvana (definição da autora).

dos indianos, algo que o grupo só se deu conta durante o filme. Mas a Índia os seduzia principalmente pela música e no caso de Georges Harrison, somou-se a ioga. Harrison foi totalmente envolvido pela Índia, na capa do disco "*St Peppers*", ele solicitou que fosse acrescido quatro gurus, Gandhi e uma boneca indiana.

O líder espiritual indiano Swami Vishnu Devananda acreditava que não deveria haver nenhum limite entre países e que os “passaportes” deveriam dar a liberdade ao ser humano para se deslocar a qualquer lugar porque o mundo é algo que deve pertencer a todos (HECL, 2006).

A adoção da cultura indiana pela contracultura na Inglaterra foi um dos manifestos juvenil contra a geração imperial de cunho político e cultural, entendendo que a política e o domínio inglês sufocavam ou dizimavam a manifestação dos povos submetidos ao Imperialismo. Logo, o caminho da contracultura inglesa foi exprimir admiração à cultura indiana, adotando vários elementos dela, como o pacifismo inspirado no grande líder indiano Mahatma Gandhi, que libertou a Índia do imperialismo inglês em 1947.

A Inglaterra tratou a Índia até então com desrespeito e violência, algo que a juventude dos anos 1960 tentava rejeitar. Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos se manifestava motivados pelo sentimento de antiguerra, rejeitando a guerra do Vietnã, provocando conflitos violentos, uma vez que outras manifestações se somaram a essa insatisfação, como os distúrbios raciais e os protestos estudantis, que também se manifestaram na Europa. Somou-se a esses acontecimentos o crescente Movimento de Libertação Feminina, que optou pela antimoda como forma de protestar contra uma imagem feminina servil.

Ao mesmo tempo em que vários artistas americanos se manifestavam, os Beatles se expressavam mostrando sentimentos pacifistas por meios do protesto, conscientes de que suas vozes eram ouvidas por muitos, tomaram a decisão de não mais se apresentar em qualquer país que ainda forçava a segregação racial e como consequência tiveram seus registros suspensos na África do Sul, onde a prática da apartheid foi lei (HECL, 2006). Outra medida drástica foi o protesto de John Lennon em 1969 que devolveu o título de "Membro do Império Britânico", devido à crise em Biafra⁴, e que diante da tragédia

⁴ Dia 15 de Janeiro de 1970, foi a data que Biafra deixou de existir, um país mergulhado na maior tragédia humanitária que o mundo conheceu fora da Europa no século XX, e foi reintegrado na Nigéria.

humana era hipocrisia aceitá-lo. Esse gesto fortaleceu o movimento da contracultura, e deu continuidade ao "Verão do Amor" de 1967.

A cultura oriental também foi usada pela contracultura para minar o sentimento religioso da geração imperial inglesa. A cristandade foi estendida pelo Império e a todas as suas colônias, inclusive a Índia e tal ato foi protestado pela juventude britânica durante a década de 1960. Com isso a admiração na espiritualidade oriental foi refletida em toda contracultura reforçando os princípios da aceitação a todos os indivíduos, independentemente de suas crenças, classes ou etnias.

Já do outro lado, em 1969 os Estados Unidos tiveram na juventude a constituição de um dos maiores eventos do século XX, o Festival de Woodstock, que demonstrou a grande força expressiva para manifestar suas armas "paz e amor", como negação ao estabelecido pelo sistema. Seus motivos se assemelhavam aos dos ingleses na contestação social quanto aos valores tradicionais, mas para os americanos também era o protesto contra o poder militar e econômico, era pelos direitos civis, igualdade e antimilitarismo nos moldes de Gandhi, como os ingleses, mas também nos de Martin Luther King.

A participação de músicos e artistas foram efetivas para impulsionar a contracultura, mas diferente dos ingleses, os americanos se inspiraram em alguns aspectos indianos, como a religião e a música, e principalmente num multiculturalismo, ou seja, toda e qualquer cultura que não pertencesse ao *establishment*. O psicodelismo permeou a arte, a música, os espetáculos e toda manifestação cultural dos anos 1960. Os ídolos, a maioria jovem e grande parte músicos, tornaram-se os grandes espelhos e ícones da juventude americana. Suas aparências, atitudes, performances eram as respostas buscadas pelos jovens, que assumiram experiências, como o nomadismo e a vida em comunidade.

A contracultura buscou acentuar a beleza do indivíduo e a celebração da conexão entre seres humanos, animais, a terra e Deus. George Harrison divulgou esses princípios de influência da espiritualidade indiana sob o som da cítara, como forma de combater o "Dentro de você, sem você", e uma conscientização os perigos do domínio "a gente ganha o mundo e perde suas almas". O comportamento da cultura hippie era a rejeição dos valores corporativos urbanos, que envolviam o amor e o retorno à natureza. "Esse espírito de "volta à terra" alimentou o crescente movimento ecológico e foi um dos pontos de

partida para uma importante revigoração do artesanato nos Estados Unidos e no Reino Unido (MENDES e LA HAYE, 2003, p.196).

Nessa busca de consciência, o vestir tornou-se significativo na declaração de uma ideologia do “faça-você-mesmo”, e “seja-você-mesmo”. As práticas artesanais e a customização tornaram-se comuns, o que provocou uma rejeição na produção comercial de roupas. Dos anos 1960 para 1970, é possível verificar uma crise tanto na criação de novos modelos de vestir, quanto numa aparência que não seja próxima ao modelo “hippie”, que terá sua influência amenizada na metade da década de 1970, com outra forte manifestação contracultural no Ocidente, a dos punks.

A ROUPA COMO CONTESTAÇÃO

Nos anos 1950, os poetas *beats*, Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Gary Snyder, através de suas obras, declararam uma tendência budista como um modo de ver e estar zen somado ao modo de libertação pessoal e sexual inspirado no Kama Sutra e na tradição tântrica. Os beats são os últimos boêmios e os primeiros membros da contracultura dos anos 1960. Nesta mesma década, a camiseta “t-shirt” de Marlon Brando e os jeans de James Dean tornam-se, no imaginário coletivo, sinais exteriores de juventude rebelde.

O cerne da antimoda é estar à margem de qualquer padrão e imposição, permitindo a cada indivíduo a mais completa liberdade de vestir-se. Dentro deste contexto americano da expressão de liberdade, “o blue jeans tornou-se a roupa-metáfora por excelência e, portanto o verdadeiro "uniforme dos jovens" no final dos anos 1960”(CALANCA, 2008, p. 192). Nas próximas décadas assistiu-se uma verdadeira revolução do jeans, que se tornou a segunda pele mais significativa do século XX ao conseguir superar quase todas as divisões de classe, sexo, idade e ultrapassar limites regionais, nacionais e ideológicos. O jeans fez a ponte entre Ocidente e Oriente.

Os índices de contestação e de recusa presentes na composição da indumentária hippie podem ser definidos em função de seu caráter de oposição a maneira de vestir do adulto considerado a referência até meados de 1950. A vestimenta jovem pretendia evidenciar a saída da infância e o ingresso no mundo adulto, porém estabelecendo uma explícita distinção em relação ao vestuário adulto. Com isso a moda se constituiu num canal de expressão que mantinha uma distinção que se verificava em diferentes níveis, o vestir refletia a preocupação com o presente, mais hedonista, eufórico com o "novo" e com as

possibilidades de consumo. Neste campo fértil, a cultura juvenil foi um elemento definitivo no desenvolvimento estilístico do prêt-à-porter e também na afirmação de uma cultura de consumo. A partir de então, a moda assumia uma conotação explicitamente jovem, dando visibilidade a um estilo de vida emancipado, alheio às coações e indiferente aos cânones oficiais. Fazendo parte desta revolução, o vestir tornou-se importante: "o elemento central da antimoda consiste na referência a ideais, valores e concepções da existência radicalmente opostos aos padrões vigentes" (CALANCA, 2008, p. 191). Considerando a contradição ao estabelecido, o Ocidente, especificamente os Estados Unidos e a Inglaterra, encontraram no Oriente e no multiculturalismo a oposição, tanto no vestir quando nos ideais pacifistas, assim como nas religiões e rituais de resultados transcendentes. "As roupas *flower power* dos hippies eram superposições de túnicas, saíotes, calças largas, o que dava liberdade nova e propiciava combinações excêntricas. O movimento hippie foi o precursor do encontro entre Oriente e Ocidente" (VINCENT-RICARD, 1998, p.88).

Na década de 1960, o dimorfismo sexual das roupas ocidentais acabou por sofrer uma radical modificação, mas desde o início do século essa questão já havia se tornado um elemento em evolução. Esse desafio foi seguido pelo cancelamento de diferenciação social e da diferenciação de idade, e a moda em particular provoca o surgimento de uma nova categoria social: a juventude. O *rock and roll* desempenhou um papel importante junto a essa juventude, foi o som que promoveu uma performance que levou as grandes modificações no comportamento.

No entanto, ao mesmo tempo em que consideramos o movimento hippie dos anos 1960 e início dos 1970 como uma antimoda, também é um período que representa uma crise no mundo da moda, profetizada por vários estilistas e revistas como o fim da alta-costura que foi diminuindo seu fluxo enquanto o prêt-à-porter ganhou o mercado em grande volume.

De qualquer maneira um novo modo e um novo viés serão aproveitados por vários profissionais da moda cujo papel principal foi distinguir em suas criações, os jovens dos adultos. A ideia era remeter ao rejuvenescimento e a renovação, esse é o conceito que prevalecerá, e por sua vez levou a uma transformação também no vestir das outras faixas etárias com um frescor jovem (MONNEYRON, 2006). A silhueta foi a primeira a ser alterada, os jovens deram preferência as formas contrárias às estabelecidas, como a não

marcação do corpo no uso de roupas largas, fluídas e inspiradas em culturas diversas e adversas roupas ocidentais. A moda masculina e a feminina se aproximaram em sensualidade, e a androginia se definiu como ruptura da categorização de gêneros.

Os elementos e a estética da roupa oriental tornaram-se objeto de contestação de um sistema de vestimenta, e a roupa hippie somou outras referências culturais além da indiana, a marroquina, a afegã, a cigana entre outras. O orientalismo do século XX tornou-se o exotismo moderno.

O musical "*Hair*" de 1968 sintetizou o sinal mais evidente da rebelião juvenil americana, e todos os aspectos permissivos do movimento Hippie em relação à sexualidade e as drogas. A aparência dos personagens do musical refletia a essência hippie: "Os cabelos tinham a forma de penteados afros ou eram sedosos e longos, enquanto roupas pitorescamente desarranjadas misturavam-se com peças etnográficas ou antigas, denims personalizados, jaquetas franjadas e botas" (MENDES e LA HAYE, 2003, p.196).

Gradativamente trajes com apliques, confeccionados em tricô e crochê passaram a fazer parte das coleções de moda tanto no prêt-à-porter quanto na alta-costura. O multiculturalismo tornou-se presente desde então, incentivando estilistas a se voltarem para vestuários não ocidentais. Trajes originais e pesquisas locais tornaram-se exercício para os criadores de moda.

O símbolo do movimento hippie (Fig.1)⁵ foi criado pela *Campaign for Nuclear Disarmament*, e desenhado pelo inglês Gerald Holtom em 1958. A instituição pertenceu a um movimento pacifista britânico que liderou o movimento de paz no Reino Unido e reivindicou ser a maior campanha da paz da Europa contra as armas nucleares. O símbolo esteve presente em vários bordados, estampas, acessórios e objetos que ornamentaram a aparência dos jovens na contracultura.

⁵ Símbolo do Movimento Hippie de Gerald Holtom, 1958. "Este trabalho foi lançado no domínio público por seu autor, *Crotalus horridus*. Isso se aplica em todo o mundo".
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Peace_symbol.svg



Fig. 1 - Símbolo do movimento hippie, 1958. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Peace_symbol.svg

Duas grandes criadoras de moda tiveram iniciativas de criação consideradas antimoda, uma delas foi a francesa Sonia Rykiel, comprometida com roupas versáteis, fáceis de usar, com bom caimento. Assim como Rykiel, a inglesa Jean Muir rejeitou ornamentos em peças intercambiáveis com sugestões clássicas em suas coleções mais sóbrias, sempre em direção ao universo jovem. Ambas consideravam que as roupas deveriam durar por anos e não serem peças sazonais como as coleções de moda. Alguns estilistas apostaram no humor, em ornamentos divertidos, outros evocaram a história da arte para trazer elementos históricos, ou de aspecto maneirista, numa provocação na proposta do vestir.

Outros criadores ingleses foram seduzidos pelo orientalismo e acentuaram essa característica em suas coleções como: Bill Gibb, Gina Fratini, Foale & Tuffin, Ossie Clark e Zandra Rhodes, que, aliás, mantém até hoje o traço hippie em suas criações (LA HAYE, 2003). A roupa inglesa hippie foi contemplada por referências históricas, como a vitoriana do período romântico e estampas do Art Nouveau, manifestações do século XIX. A inglesa Laura Ashley despontou nesta direção em suas coleções românticas explorando as roupas íntimas com detalhes de babados, mangas bufantes e golas altas (BUXBAUM, 2005).

A casa italiana Missoni se concentrou no tricô no início dos anos 1970, inspirado no psicodelismo criou padrões listrados, multicoloridos e em ziguezague, o que tornou uma marca registrada de suas coleções até hoje. Além de estampas psicodélicas, as regionais compuseram a superfície da moda da contracultura como as estampas étnicas e o patchwork.

O Patchwork pertencia tanto a Inglaterra, quanto aos Estados Unidos em seu período de colonização e a técnica tornou-se referência de uma das coleções de Yves Saint Laurent que desde 1967 explorava em coleções o exotismo oriental e o multiculturalismo.

Entre os americanos é importante frisar o multiculturalismo entre vários criadores de moda, entre eles o ítalo-americano Giorgio di Sant'Angelo, que explorou um mix de referências que resultou em um vestir híbrido, com interpretações do Oriente e outras culturas como a russa, a cigana e referências nômades.

A cena pop foi uma importante força na moda, principalmente no vestuário masculino. A liberdade de expressão presente nos trajes dos músicos como camisas, coletes, franjas, sobreposições, tecidos fluídos e forte colorido, começaram a refletir nas ruas com inúmeras variações. A androginia no vestuário masculino tomou conta, e foi possível assistir a cena musical com vários ícones com roupas e detalhes do universo feminino, como a túnica de babados usada por Mick Jagger em 1969 em um concerto no Hyde Park que causou furor. Jagger compôs a camisa nitidamente feminina com calças de boca larga e uma gargantilha de couro com tachas.

As cores e estilos tornaram-se cada vez mais contrastantes, audaciosas e inusitadas, presente nas roupas muitas vezes, coladas ao corpo e que aumentavam a volumetria pouco abaixo do joelho. Aos poucos, as roupas da noite migraram para o dia, e roupas femininas eram retrabalhadas para frequentarem o universo masculino, conferindo uma aparência ambígua e carregada pelos materiais brilhantes como: cetim, lurex e lantejoulas. Essas transformações na roupa masculina terão repercussões nos anos 1970, como o ocorrido com David Bowie que se manifestou contra a definição e categorização de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes eventos marcaram os anos de 1960, que teve seu epicentro entre 1967 e 1969, com repercussões até por volta de 1975 quando o movimento punk inicia como outro evento da contracultura. A moda foi fundamental nas mudanças culturais dos anos 1960, acentuando as aspirações de uma sociedade alternativa, numa recusa ao materialismo e ao consumo capitalista. Contudo esta resistência à riqueza material produziu frequentemente imagens estilizadas da pobreza que pareceram salientar a pobreza real, assim como a exploração real do comércio do vestuário.

O olhar nostálgico e romântico estava presente nas roupas de origens - étnicas, regionais, românticas, etc. - contrárias as vigentes que marcaram o contraste com a modernidade da alta tecnologia dos anos 1960. As roupas de tecido natural ou de segunda mão foram avaliadas como as de qualidade que superavam e se distinguiam das de tecidos sintéticos

que dominaram o mercado da produção de massa das confecções. O “faça você mesmo” definiu a moda da contracultura.

O que é importante enfatizar na contracultura é a herança de uma consciência das possibilidades que vão além dos limites de uma sociedade. É a lembrança de que mesmo sendo uma utopia, ainda assim é possível experimentar a liberdade como caminho para desenvolver todo o potencial criativo, cognitivo e afetivo do ser humano e sua capacidade de transformar seu entorno. A experiência da subversão foi importante para mudar os valores e acentuar o imprescindível que nos escapa constantemente: a consciência e a liberdade. Mas o vestir “hippie”, a roupa da contracultura tornou-se moda, como qualquer ideologia num mundo capitalista.

O que fica sensível na contracultura dos EUA e da Inglaterra são os motivos que provocaram a revolução. Ambos com contextos diferentes compartilharam de uma revolução com resultados sem precedentes na história do Ocidente. A contracultura provocou uma fragmentação de caminhos e possibilidades em várias esferas da sociedade urbana ocidental, uma delas o “vestir”. A manifestação na segunda pele fez com que fosse trocada por várias outras, várias que possibilitariam novas experiências perceptivas na reinvenção e na renovação da aparência ocidental, resultando num ser camaleônico.

Referências

BUXBAUM, Gerda. **Icons of Fashion. The 20th century.** New York, Prestel, 2005.

CALANCA, Daniela. **História social da moda.** São Paulo, Editora Senac, 2008.

CORREIA, Vasco. **Evaporação do tempo: Jim Morrison, o mito.** (<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/335>). Acesso em 04.06.2010.

GOFFMAN, Ken and DAN, Joy. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital.** São Paulo, Ediouro, 2007.

HECL, Rudolf. **The Beatles and Their Influence on Culture.** Brno. Masaryk University - Faculty of Arts. Department of English and American Studies, 2006. Disponível em: (http://is.muni.cz/th/108918/ff_b/pdf) - Acesso em 10.06.2011.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção. Céu e inferno.** Trad.Osvaldo de Araújo Souza. São Paulo: Globo, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby e GOULART, Sandra Lucia (ORG.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas, Editora Mercado de Letras, 2005.

MACIEL, Luiz Carlos. **As quatro estações**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MENDES, Valerie e La HAYE, Amy. **A moda do século XX**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

MONNEYRON, Frédéric. **La sociologie de la mode**. Paris, PUF, 2006.

ROSZAK, T. **Para uma contracultura**. Tradução de Jorge Rosa. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1971.

VINCENT-RICARD, Françoise. **As espirais da moda**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

SCHMIDT, Kristian Moler. **The Style of Contestation**. 1979. Disponível em: (http://www.avantgardenet.eu/HAC/studentpapers/schmidt_contestation.pdf). Acesso em 10.06.2011.